

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SEBASTIÃO RUFINO GOMES FILHO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
REFLETINDO A PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO DO DOCENTE AO
BULLYING HOMOFÓBICO**

VOLTA REDONDA

2018

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
REFLETINDO A PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO DO DOCENTE AO
BULLYING HOMOFÓBICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aluno: Sebastião Rufino Gomes Filho

Orientador: Prof. Dr. Adilson Pereira

VOLTA REDONDA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Sebastião Rufino Gomes Filho

Educação Física Escolar: Refletindo a prevenção e intervenção do docente ao bullying homofóbico

Orientador: Prof. Dr. Adilson Pereira

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adilson Pereira

Prof.^a Dr.^a. Ana Paula Cunha Pereira

Prof. Me. Cássio Martins

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Adilson Pereira pela orientação deste artigo, tornando-o possível sua formulação; A minha família e parceiros de trabalho, pelo apoio e compreensão em minhas ausências; A todos os professores do UniFOA, em especial às professoras Ivanete da R. Silva, Ana Paula Cunha e Beatriz Leonora Rennó, que significaram minha aprendizagem enquanto docente de Educação Física; A todos vocês, minha profunda gratidão.

RESUMO

Provocado pelo aumento nos casos de violência sistêmica (Bullying) nas escolas, com especial atenção ao Bullying Homofóbico, que ocasiona um enorme sofrimento a vida das vítimas que não se enquadram em um padrão socialmente aceito, este artigo busca refletir o arcabouço do fenômeno na sociedade moderna, bem como, a participação do docente de Educação Física como ator em suas práticas pedagógicas transversais, capazes de promover uma cultura de paz e respeito a pluralidade dos indivíduos, auxiliando no combate ao bullying homofóbico na escola.

Palavras-chave: bullying, bullying homofóbico, homofobia, educação física, escola, sexualidade.

ABSTRACT

Due to our case of systemic violence (Bullying) in schools, with special attention to Homophobic Bullying, which causes an enormous amount of times the lives of people who do not fit into a socially accepted standard, this article seeks reflection on the framework of the devil in the Modern society, welcome the participation of the Physical Education teacher as an actor in its transversal pedagogical practices, the ability to promote a culture of peace and respect the plurality of individuals, helping in the fight against homophobic bullying in school.

Keywords: bullying, homophobia, physical education, school, sexuality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PÓS-MODERNIDADE E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	8
2.1 Considerações acerca da sociedade contemporânea	8
2.2 A Escola como reflexo dos valores contemporâneos.....	11
3. FORMAS DA VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES	13
3.1 Violência como cultura na sociedade contemporânea.....	13
3.2 A Violência no Âmbito Educacional e o fenômeno do Bullying	14
4. BULLYING HOMOFÓBICO NA ESCOLA	16
4.1 Educar para diversidade transforma a sociedade	16
5. O DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRÁXIS PEDAGÓGICA: INTERVENÇÕES E PREVENÇÃO AO BULLYING HOMOFÓBICO.....	19
5.1 Incorporação Histórica das tendências da Educação Física Escolar	19
5.2 Intervindo e Prevenindo o Bullying Homofóbico.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1. INTRODUÇÃO

A escola deve ser um local seguro e livre para o desenvolvimento de crianças e jovens, possibilitando o acesso a uma educação de qualidade para todos. No entanto, a violência sistêmica, bullying, humilhações e agressões na escola, tornaram-se problema endêmico, com amplo crescimento a cada dia. Segundo Piovesan (2009, p. 295-296):

Ao longo da história as mais graves violações aos direitos humanos tiveram como fundamento a dicotomia do “eu” versus o “outro”, em que a diversidade era captada como elemento para aniquilar direitos. Vale dizer, a diferença era visibilizada para conceber o “outro” como um ser menor em dignidade e direitos, ou, em situações-limite, um ser esvaziado mesmo de qualquer dignidade, um ser descartável [...]. Nesta direção merecem destaque as violações da escravidão, do nazismo, do sexismo, do racismo, da homofobia, da xenofobia e de outras práticas de intolerância.

Em tempos em que se intensifica a necessidade por reformar as ações educacionais do docente de Educação Física, que atenda a contemporaneidade em suas transformações sociais, expressões do tipo: “meninos jogarão bola e meninas queimada”; “mulher jogando bola? Isso é coisa de sapatão”, “meninos na queimada? Isso é coisa de mariquinhas”, podem ser corriqueiras e tidas como normais por professores e alunos. Ora, essas expressões, podem servir, na realidade para aumentar o preconceito e a discriminação nas aulas de Educação Física.

Nesse sentido, o presente estudo delimita como objeto de abordagem o fenômeno denominado “bullying nas escolas”, com especial atenção ao bullying homofóbico, procurando demonstrar como os docentes poderiam incorporar novas metodologias, proporcionado em sua práxis pedagógica, um ambiente mais seguro aos alunos, para que esses desenvolvam as capacidades físicas, cognitivas, sociais e, conseqüentemente, possa se promover a redução da violência sistêmica no ambiente escolar e fora dos muros da escola.

A presente pesquisa, pode ser classificada como qualitativa e tomou como base alguns referenciais advindos de revisão bibliográfica básica, buscou analisar publicações nacionais, em sua maioria, utilizando a base de dados *Scielo*, a partir dos descritores: bullying, bullying homofóbico, homofobia, educação física,

escola, sexualidade, pesquisados separadamente, juntos usando o operador booleano *AND* ou aspas, filtrando por publicações nacionais.

Tornamos nossa reflexão sistematizada sob a forma de itens que objetivam investigar o fenômeno da violência na escola, tendo como análise a questão da cultura contemporânea, destacando-se como base de reflexão o pensamento de Zigmunt Bauman (1925-2017). Por fim, refletimos a contribuição do docente em Educação Física, como ator no combate ao bullying homofóbico, tendo como perspectiva a proteção dos direitos humanos em conformidade às orientações indicadas aos docentes pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – Unesco.

2. PÓS-MODERNIDADE E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

2.1 Considerações acerca da sociedade contemporânea

O trabalho do polonês Zygmunt Bauman (1925 - 2017), cunhou um conceito aplicado à sociologia que lhe auxiliou a compreender a mutabilidade e a efemeridade que percebeu nas relações humanas, trata-se do conceito de “modernidade líquida”. Na realidade, esse conceito configura o modo como as relações sociais estariam estabelecidas numa espécie de volaticidade; isto é, um mundo sem forma, cheio de incertezas, em que tudo parece escorrer entre os dedos.

Se, de antemão, o conceito de sociedade líquida apontaria para a impossibilidade de termos certezas acerca das mais variadas coisas, ao mesmo tempo, tem-se com esse conceito o seu contraponto, isto é, houve, anterior à denominada pós-modernidade, algum tipo de certeza, sabendo-se que ela, a denominada pós-modernidade, na realidade pode ser compreendida como um aspecto da própria modernidade, que perdeu a solidez de suas certezas a partir da crise do racionalismo?

Parece-nos que uma análise sobre o que foi compreendido como mundo moderno, trouxe consigo a crença de que a razão poderia explicar, de fato, todos os fenômenos e, nesse sentido, o racionalismo moderno, nos apresentou um mundo

pleno de certezas. Não é por menos que as ciências apresentaram ao mundo teorias que não permitiam serem contestadas, assemelhadas àquelas que a física compreendia como as verdades que melhor traduziam os fenômenos naturais.

Se essa modernidade, iniciada no séc. XVII, com a revolução científica moderna, trouxe a crença de que o mundo pode ser, de fato, conhecido e, portanto, a ciência teria o poder de produzir as certezas sobre os fenômenos, o que vimos a partir do séc. XIX e XX é que o mundo proposto pelo racionalismo não conseguiu resolver os problemas da humanidade. Associando-se a isso que as ciências, na medida em que se tornaram especializações, produziram conhecimentos, ditos científicos utilizados para a fundamentação de determinadas práticas.

A mesma ciência, que se tornou base e guardiã do conhecimento, possibilitando a condução da razão, propiciando a sensação de segurança acerca do conhecimento que possuímos, tornou-se também a base de suas próprias contradições. Exemplos não faltam para ilustrar essa questão. O consumo de ovo, de café, entre outros alimentos, condenados por pesquisas científicas e recomendados por outras pesquisas científicas. Ora, esse fenômeno contemporâneo nos indica uma espécie de incerteza quanto ao conhecimento e, para além dos exemplos simplórios que apresentamos, estariam outros de natureza mais profunda. Afinal, quando nos referimos ao campo dos valores, as ditas certezas amparadas, por exemplo, pela religião, tornaram-se muito frágeis. Eis, nesse sentido, o que Bauman nos apresenta como “mundo líquido”.

A “vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem os membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo. BAUMAN, Zygmunt (p 7, 2007.)

Na realidade, o fenômeno denominado líquido se reflete, por sua natureza, numa pluralidade de fenômenos sociais, isto é, dado que as pretensas certezas da modernidade não se tornaram dogmas sob os quais a sociedade deveria se fundamentar, a atual pós-modernidade, trouxe à luz os mais diversos e diferentes

comportamentos sociais como fenômenos possíveis face às garantias de liberdade originadas na modernidade.

Ora, diversidade, pluralidade, diferenças, tornaram-se conceitos comuns na atualidade, o que não significa, necessariamente, que esses conceitos sejam bem acolhidos pelos grupos sociais. Há, como aponta Pierre Bourdieu (1930-2002) uma espécie de **violência simbólica** que permeia as relações sociais, que seriam marcadas por estruturas de poder; afinal, os sujeitos reconhecidamente diferentes teriam fortes dificuldades em estabelecer relações com os grupos sociais com maior predominância de poder.

E, em que instâncias sociais esse problema estaria presente? Como aponta Bourdieu(2001), esse fenômeno da violência simbólica estaria presente em todos os meios sociais, na família e também na escola e que se manifestaria sob a forma de coerção, um meio exercido de poder simbólico sobre as consciências.

No meio escolar, o aluno que não se enquadra nos padrões impostos pela escola sofre a violência simbólica, ficando de fora do processo educacional, ficando desestimulado e chegando ao processo de exclusão social. Nesse entendimento, a escola não visa incluir os diferentes, sendo estes vistos como incapazes e preguiçosos, não atingindo os objetivos da escola.

Segundo Bourdieu (1998), na sociedade atual os pais transmitem à escola a função de educar os filhos, tornando-a o principal agente educador da sociedade contemporânea. Percebe-se, porém, que a escola não educa para desenvolver a capacidade crítica do indivíduo, formando um cidadão consciente para atuar na sociedade, mas apenas reproduziria o poder da classe dominante, trazendo uma frustração à uma “geração enganada”, reproduzindo e legitimando desigualdades sociais, perdendo a condição de transformadora e democrática.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Bourdieu (1998, p. 53).

2.2 A Escola como reflexo dos valores contemporâneos

Existe uma intolerância à diferença presente na sociedade, uma violência que se torna, por vezes, impensada, configurada no cenário da contemporaneidade, onde as relações sociais se tornaram consideradas esgotadas e afastadas.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados - ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”: Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. (BAUMAN, 2001, p. 8)

A base do sistema social, cultural, familiar e educacional estaria em crise, tendo por base uma hipervalorização dos desejos e a necessidade de sua satisfação. Associado a isso, no âmbito da violência simbólica, até a ideia da existência de Deus poderia ser utilizada como meio de coerção, afinal, se Deus é quem estabeleceria uma ordem e esta seria dita por meio de seus representantes, ora, há de se crer que a função dos discursos que traduziriam a vontade de Deus, seria aquela assemelhada ao conceito freudiano de Super-ego. No mundo denominado líquido, Deus poderia ser reduzido àquela dimensão de satisfação material, mantendo-se como ser da coerção; afinal, àqueles que seriam fiéis, bênçãos sob a forma de bens. Quanto aos infiéis, a maldição da pobreza.

Enquanto o conceito freudiano de SUPER EGO foi associado à Deus, ao Estado, ao Professor, ao Pai, à Sociedade e, com eles, as formas de coerção do comportamento, parece-nos que havia regras tidas como claras, referências e valores norteando o comportamento individual e, por consequência, a educação formava adultos em conformidade a esse modelo de autoridade.

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir a repressão (sub a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da

leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência(conscience) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (Freud, v. XIX:49).

A contemporaneidade colocou esse modelo em crise. Afinal, a autoridade coercitiva, punitiva, foi cedendo espaço àqueles ditos avanços da sociedade de consumo que passou a valorizar a subjetividade, a satisfação dos desejos e a superlativização do EU, em demérito do NOSSO. O MEU, tornou-se pronome referencial da posse, seja de coisas, ideias, relacionamentos etc. Assim, as gerações que emergiram desse universo de valores, inculturados desde a mais tenra idade, transmutaram esses valores para o espaço escolar com naturalidade.

Ora, se no espaço escolar, as atividades cooperativas, enfrenta a resistência de estrutura, cujo sistema competitivo, valorizaria o indivíduo, tornando-o individualista e, por conseguinte, lhe configuram dificuldades em estabelecer abertura ao diálogo, à cooperação, enfim, limitando-se a si mesmo. Parece-nos, dessa forma, óbvio que a violência eclodiria naturalmente nesse ambiente, como expressão dessa forma egóica, que tornou o outro menos que o si mesmo. Eis, portanto, a emergência daquela forma de violência que denominamos de simbólica como base que se expressa, de modo mais condensado, na violência física.

As transformações culturais que configuraram a crise dos valores podem ser reconhecidas a partir da década de 1960, em decorrência de uma série de transformações sociais, marcadas pela emergência de fenômenos tidos como progressistas, como por exemplo, o movimento hippie, a revolução sexual, a pílula anticoncepcional, trouxe para o âmbito da educação familiar uma profunda mudança acerca das referências do passado, e possibilitou um modelo de educação no qual os pais abriram a possibilidade de uma educação permissiva, gerando uma nova ordem valorativa, afinal, seria proibido proibir.

Eis, portanto, uma nova ordem valorativa, transformando a sociedade num outro tipo de ordenamento, trazendo como resultado de forma múltipla a prática de um grau de violência, transgressão e um amplo exercício da crueldade e intolerância às diferenças presente na sociedade por parte da juventude, colocando em xeque o papel da sociedade, família e da escola.

3. FORMAS DA VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

3.1 Violência como cultura na sociedade contemporânea

A palavra violência vem do latim “*vis*”, que significa vigor, potência, força. Segundo Moreira (2011,p.27) aquele que age com “*violentia*” é um “*violentus*”, age com impetuosamente, veementemente. Porém, a violência está ligada ao sentido de “*violare*”, significando maltratar, ultrajar. Podendo o indivíduo ser violento consigo mesmo, maltratando sua singularidade, como por exemplo por meio do suicídio ou praticando uma ação violenta com o outro, violentando uma pluralidade.

A desigualdade na estrutura social e econômica, leva a exclusão de parcela da sociedade, marcada pelo desemprego, baixos salários e educação de má qualidade, podendo gerar o aumento da prática de violência para resolver conflitos e obtenção de bens de consumo.

Considerando o aumento da criminalidade no país, crescem também as discussões acerca do tema violência, pela população em geral e por estudiosos que tentam diagnosticar suas causas e apresentar atenuantes para esse mal. Grande parte dessa mesma sociedade, não busca cobrar do estado políticas de combate à violência, preferem se isolar, com a idéia de privatizarem a segurança, é o caso da classe média alta e classe alta, onde cada indivíduo cuida do seu espaço. “(...) e buscam individualmente suas próprias soluções para problemas socialmente produzidos” (Bauman, 2004, p.112).

O fenômeno da violência cresce, sendo disseminado em nossa sociedade pelos meios de comunicação, as redes sociais, o que nos leva a questionar as causas desse fato e sua banalização, inserida no avanço da tecnologia, as informações repetidas todos os dias pela TV, ocupando maior parte das notícias, por meio de relatos de diversos tipos de violência, compartilhadas a todo instante pelas redes e experimentada nos jogos virtuais, tornam a violência comum.

Ora, se até o momento verificamos que a violência se manifesta na sociedade contemporânea e que ela pode se tornar uma espécie de cultura, não podemos desconsiderar que essa cultura estaria também presente no ambiente escolar. Nesse sentido, nossa reflexão toma por base o conceito de violência e sua forma mais peculiar, isto é, aquela que é praticada entre as crianças, adolescentes e

jovens nas escolas. Essa forma peculiar de violência é conhecida pelo fenômeno denominado bullying.

3.2 A Violência no Âmbito Educacional e o fenômeno do Bullying

No ano de 1999, na escola americana *Columbine High School*, Colorado, um dos casos mais simbólicos da violência sistêmica teve seu final de forma trágica:

Como entender as cinco horas de terror vividas na terça-feira passada dentro da escola de 2º grau Columbine, na pacata cidade de Littleton? Encapuzados e vestidos com casacões pretos, dois rapazes promoveram um banho de sangue, armados com pistola, fuzil automático, espingardas de caça e bombas caseiras. Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, riam em êxtase enquanto aterrorizavam centenas de colegas sitiados na biblioteca, disparando à queima-roupa e arremessando explosivos. Treze mortos depois, Eric e Dylan se suicidaram. (...) VEJA. (edição 1.595, de 28 de abril de 1999).

No Brasil, em abril de 2011, o caso mais aterrorizante já registrado, teria sido originado pelo bullying, cujas ações ficaram conhecidas como “O Massacre de Realengo”:

A faceta monstruosa de Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, começou a revelar-se às 8h11 de quinta-feira, quando ele entrou em uma sala de aula, sorriu e avisou aos estudantes: “Vim dar uma palestra”. Em seguida, abriu a sacola que havia depositado sobre a mesa da professora, sacou um revólver calibre 38 e atirou contra a cabeça de uma aluna e depois de outra – as primeiras duas crianças do total de doze que ele matou.” VEJA (edição 2,212, de 13 de abril de 2011).

Tanto o caso americano, quanto o brasileiro, apontam para a origem dos motivos do sentimento de exclusão sofrido pelos alunos, bem como, a vingança por perseguições e maus-tratos sistêmicos praticados dentro da escola. Neste sentido, a violência na escola não pode ser tratada como um fenômeno novo, é um problema de ordem mundial, onde a insegurança e o medo estão presentes no âmbito educacional, em que confrontos diários dentro da escola trazem aumento das situações de violências classificadas como Bullying.

A este tipo de violência, segundo Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), Presidente da AEDDA – Associação dos Estudos do Distúrbio do Déficit de Atenção

(SP), pode-se definir como toda violência praticada por meninos ou meninas no ambiente escolar. Mas, para ser bullying precisamos de características como: intencionalidade, repetitividade e a falta de justificativa, onde a vítima não está em posição de reagir frente à agressão que sofre, logo, os mais fortes escolhem os mais fracos para humilhar e fazer sofrer, dominando a maioria da turma e impossibilitando qualquer solidariedade ao agredido.

Para Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), onde existem relações humanas existirá o *Bullynig*, pois esta ação é uma relação de busca de poder: Quem pode mais? Quem manda? É o grupo dominante. O fenômeno sempre existiu no ambiente escolar (brincadeiras, apelidos, etc.), porém, só passou a ser estudado na década de 80, na Noruega, onde um grupo de crianças entre 10 e 14 anos se suicidou em função dessa perseguição persistente dos colegas. Em todos os lugares onde existe violência escolar, se denominou bullying.

Segundo Barbosa(2010), existem quatro tipos de praticantes de bullying:

I – Criança ou adolescente que pratica porque deseja se enturmar, ser popular, imitar o padrão bem aceito na escola;

II – Os que fazem isso porque não tem em casa uma educação que associe autorrealização a ao exercício de solidariedade e altruísmo;

III – Crianças que passam por momentos delicados de agressividade, por diversos motivos;

IV – Uma minoria que desde muito cedo, demonstram uma perversidade maior, com agressão a irmãos, familiares, desrespeito às normas e manipulação, no sentido de jogar com as pessoas, inclusive com os pais, onde essas crianças devem ser muito bem observadas, pois se há uma possibilidade de moldar ou se adequar uma um comportamento, essa possibilidade é na infância, em seu transtorno de conduta.

Para Lopes Neto & Saavedra (Pinheiro, 2006), o bullying pode se classificar em diretos ou indiretos. Os diretos podem ser agressões físicas – chutar, bater, empurrar – ou verbais – apelidos ofensivos. Já os indiretos são as discriminações, ocasionadas por exclusão social, como os boatos desagradáveis que vitimizam uma pessoa, tendo por alvos, em sua maioria, sujeitos menores que os agressores.

Há também os praticantes *de cyberbullying* ou “bullying virtual”, onde os usuários utilizam-se da rede para constranger e humilhar suas vítimas, ultrapassando os muros da escola, atingindo um território fora da classe (festas, cinemas, baladas, etc). Diferentemente do bullying praticado no mundo real, o *cyberbullying* ganha uma “blindagem” na rede, dificultando a identificação dos valentões.

Tanto para o agressor, quanto para a vítima, a violência estabelecida pelo bullying, traz como resultado o baixo aproveitamento escolar e dificuldades nos relacionamentos sociais.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), um público em especial, de crianças e adolescentes, os LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgeneros), diariamente, convivem com seu direito à educação negado, devido à discriminações verbais, psicológicas e físicas por não pertencerem à normativa heterossexual vigente na sociedade, uma homofobia institucional, o chamado Bullying Homofóbico, onde alunos que sofrem esse tipo de bullying tem mais probabilidades em se machucar ou cometer suicídio.

O bullying homofóbico pode tomar várias formas, como zombar de alguém, xingar, ridicularizar em público, fazer fofoca, intimidar, empurrar, bater, roubar ou estragar os pertences de alguém, e praticar isolamento social, cyberbullying, agressão física ou sexual e ameaças de morte. (Unesco, 2013)

4. BULLYING HOMOFÓBICO NA ESCOLA

4.1 Educar para diversidade transforma a sociedade

Embora todos os alunos possam ser atingidos pelo bullying, aqueles em que a sexualidade é tida como diferente da maioria heteronormativa, tornam-se prováveis alvos. Assim, no campo da educação, as escolas tornam-se um potencial espaço para ocorrência do bullying homofóbico, cuja questão se configura como um grande desafio a ser enfrentado e a homossexualidade um tema delicado ou até

mesmo ilegal de ser tratado. Dependendo do país, esse tema é criminalizado e punido com prisão.

A porcentagem de alunos LGBT que reportaram bullying homofóbico é alta no Chile (68%), na Guatemala (53%), no México (61%) e no Peru (66%). No Brasil, mais de 40% dos homens gays relataram ter sido agredidos fisicamente enquanto estavam na escola.(Unesco, 2013).

No Brasil, uma pesquisa sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar, do Ministério da Saúde (2012), sinalizou um crescimento de 183% no número de registros de violência homofóbica, sendo 61% das vítimas com idade entre 15 e 29 anos.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2010), apresentou um estudo sobre diversidade nas escolas públicas de todo o Brasil, com uma amostra de 500 escolas, 501 diretores, 1.005 professores, 1.004 funcionários, 15.087 alunos e 1.002 pais/mães de alunos, revelando que estes apresentam comportamentos, crenças e valores preconceituosos, nas áreas de discriminação pesquisadas (étnico-racial, deficiência, gênero, geracional, socioeconômica, territorial e identidade de gênero), onde 72% apresentaram atitudes discriminatórias contra homossexuais.

Nota-se que 40% dos diretores presenciaram ou souberam de situações de alunos que foram humilhados por serem homossexuais. Deste grupo, as pessoas transexuais são as que menos são aceitas; logo, são elas as que menos frequentam a escola, quase não cursam o Ensino Médio, e saem da escola muito antes dessa fase escolar ou “se tornam expulsas” muito antes disso.

De acordo com o índice de conhecimento de todos os agrupamentos de atores da pesquisa, as principais vítimas de bullying na escola são as pessoas negras, os pobres, homossexuais, mulheres e idosos. Nota-se que o conhecimento dessas situações é maior entre os alunos da escola e menor entre os pais, especialmente no que se refere ao bullying em relação a: negros (12% para o índice percentual de conhecimento de situações de bullying entre os alunos e 6% entre os pais e mães); pobres (12% e 6%, respectivamente) e homossexuais (11% e 5%). (INPE, 2010)

Diante deste cenário, que a escola deve ser entendida como o espaço da sociabilidade, da diferença, da troca, da pluralidade, desempenhando um papel essencial para se atinja o ideário de paz, justiça social e realização pessoal, tendo

na educação uma utopia necessária ao longo da vida, como estabelece Jaques Delors (2010), no relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI:

Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. No desfecho de seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um “abrete sésamo” de um mundo que tivesse realizado todos os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras. (Jaques Delors, Unesco, 2010).

Para se construir um ambiente educacional desejado, voltado para o respeito mútuo, colaborativo e seguro de aprendizagem, faz-se necessário boas políticas e práticas no campo da educação, destacando-se a aplicabilidade dos Princípios de Yogyakarta (Unesco, 2006), onde se estabelece o direito a educação sem discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero, sendo de responsabilidade dos Estados-Membros tomarem medidas legislativas, administrativas, que considerem necessárias à garantia do acesso a educação e o tratamento igualitário entre os estudantes.

O Brasil é um dos estados membros da Unesco e, portanto, deveria buscar mecanismos para solucionar problemas que desafiam a sociedade brasileira no campo educacional. Esse é um caminho para a discussão do Bullying, que ganha espaço específico no campo jurídico por meio das Leis 13.185/2015 e 9394/1996, alterada pela lei 13.663/2018, com objetivo de conscientizar, prevenir e diminuir os casos de bullying. Todavia, os projetos de lei que poderiam tratar a diversidade não avançam no congresso, rotulados pelo estigma de “ideologias de gênero”.

Obrigar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. É sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade (BORTOLINI, 2008).

É nesse sentido que destacamos o exercício da docência como o de um sujeito comprometido com o cuidado, para que essa cultura da violência tenha seu limite e seja atenuada; afinal, as relações sociais devem ser repensadas no espaço que a escola propicia. O que está em jogo é a qualidade das relações sociais que queremos estabelecer, ou, em outras palavras, o cuidado contra a violência significa preparar melhor os docentes e discentes para uma vida social menos violenta, desconstruindo preconceitos e discriminação.

Nesse contexto, para nossa reflexão é que o docente de educação física teria um espaço privilegiado nessa atuação; afinal, sendo sua práxis pedagógica validada por intervenções junto ao corpo em movimento, ou uma prática social de educação por meio do corpo, reconhece-se em sua atuação possibilidades de articular orientações do seu trabalho à realidade de seus alunos, auxiliando na construção de valores baseados na tolerância, no respeito mútuo e outros tantos que podem mediar e tornar menos violentas as relações sociais.

O desenvolvimento profissional dos professores é objetivo de propostas educacionais que valorizam a sua formação não mais baseada na racionalidade técnica, que os considera meros executores de decisões alheias, mas em uma perspectiva que reconhece sua capacidade de decidir. Ao confrontar suas ações cotidianas com as produções teóricas, é necessário rever as práticas e as teorias que as informam, pesquisar a prática e produzir novos conhecimentos para a teoria e para a prática de ensinar. Assim, as transformações das práticas docentes só se efetivarão se o professor ampliar sua consciência sobre a própria prática [...] o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos da realidade. (Pimenta, Anastasiou, 2002, p.13)

5. O DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRÁXIS PEDAGÓGICA: INTERVENÇÕES E PREVENÇÃO AO BULLYING HOMOFÓBICO

5.1 Incorporação Histórica das tendências da Educação Física Escolar

Ao longo da história a Educação Física escolar brasileira, por meio de uma tradição cultural, buscou atuar de forma homogênea em relação aos seus alunos, considerando fatores biológicos e desconsiderando individualidades, transmitindo em sua forma de ensino uma dicotomia social baseada na distinção dos gêneros

masculino e feminino, onde meninos deveriam se interessar por atividades que desenvolvessem socialmente o gênero masculino, sua força, sua virilidade, seu desejo competitivo e meninas, deveriam se interessar por atividades que desenvolvessem socialmente o gênero feminino, a delicadeza, a beleza, a fragilidade da mulher, não havendo espaço para outras discussões heterogêneas acerca de habilidades motoras.

Como ferramenta ideológica, a Educação Física Escolar teve perspectivas militaristas e higienistas, que determinavam como deveria ser configurada sua área de atuação. Assim, a busca de um corpo saudável, organicamente equilibrado, foi utilizada pelos higienistas como meio de modificação da higiene da população, mantendo também a “raça branca e pura” (eugenia). Na perspectiva militar, foi um instrumento para forjar um corpo forte, robusto, saudável para defender a pátria e sua ideologia.

Nos anos 30, com o Estado Novo, o processo de industrialização e urbanização, a educação física se tornou obrigatória e ganhou atribuição de fortalecimento e melhoria na capacidade de produção, além de desenvolver o espírito cooperativo e beneficiando a coletividade.

Art 131 - A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

Art 132 - O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas; e outras por fim organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento, dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação. (Constituição, 1937).

Como nem a Educação Física, em sua perspectiva higienista, e nem a Educação Física na perspectiva militarista, encararam o objeto da Educação Física como uma tendência educacional, somente nos anos de 1940 e 1960 que a tendência Pedagogicista surge, buscando não apenas a saúde ou adestramento de jovens, mas como forma de promoção de uma “educação integral”.

A educação física pedagogicista é, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a educação física não somente como

uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a educação física como uma prática eminentemente educativa (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.19).

Durante os anos de Ditadura Militar, mais uma vez a E.F. ganhou um caráter ideológico dominante de desmobilização popular, trazendo o desporto tecnicista como base de sua atuação. Seu objetivo fundamental foi a caracterização da competição e da superação individual como, valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna. A Educação Física Competitivista voltou-se, então, para o culto do atleta-herói; aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou ao podium. (Ghiraldelli Júnior, 1991, p.20).

A partir dos anos 80, como o Brasil não se torna uma potência olímpica, surgem novas abordagens filosóficas, psicológicas e sociológicas. Passando a educação física a ter sua prática na psicomotricidade dos alunos.

A capacidade física engloba o autoconhecimento e o uso do corpo na expressão de emoções, na superação de estereótipos de movimentos, nos jogos, no deslocamento com segurança. A afetiva refere-se às motivações, à autoestima, à sensibilidade e à adequação de atitudes no convívio social, estando vinculada à valorização do resultado dos trabalhos produzidos e das atividades realizadas. Esses fatores levam o aluno a compreender a si mesmo e aos outros. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p.23)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) trouxeram na cultura do movimento a validação da educação física como parte do currículo escolar e com a mudança comportamental dos jovens desde a década de 60 e 70, aflorando suas manifestações acerca da sexualidade, se justificou tratar do tema orientação sexual, considerando a sexualidade como característica essencial da vida, fundamentando sua importância como tema transversal nos currículos.

5.2 Intervindo e Prevenindo o Bullying Homofóbico

Embora em algumas situações, a escola possa determinar que o aluno deixe sua sexualidade fora dos muros da escola, algo improvável de ser atendido, é no espaço escolar que a curiosidade e as questões devem ser colocadas, debatidas,

analisadas e refletidas, levando o aluno a construir uma postura de valores, conceitos críticos, de respeito à sexualidade e pluralidade.

Desta forma, se legitima o entendimento de que a Educação é um direito educacional de todos e por meio dela, deve-se proporcionar desenvolvimento pleno da personalidade humana, e isso só pode ser adquirido de modo inclusivo, no combate às atitudes discriminatórias, por meio da interação e socialização entre alunos, tendo como ferramentas de discussão dialógica, o esporte, jogos, a dança, brincadeiras, etc., o que permite experimentar a concepção da cultura corporal presente no ambiente desses discentes, desenvolvendo novas habilidades de forma democrática e plural.

Como definida na Agenda de Desenvolvimento Pós-2015, a educação para a cidadania mundial reconhece a importância do pensamento crítico, criativo e inovador, a resolução de problemas e a tomada de decisões, juntamente com habilidades não cognitivas, como a empatia, a abertura a experiências e outras perspectivas, habilidades interpessoais e comunicativas, além da aptidão para construir redes e interação com pessoas de diferentes históricos e origens. A Educação Física de Qualidade oferece diferentes oportunidades para a aquisição dessas habilidades, as quais definem cidadãos autoconfiantes e socialmente responsáveis. (Diretrizes em Educação Física de Qualidade – Unesco, 2014).

Diante disso, obedecendo as Diretrizes de Educação Física de Qualidade (Unesco, 2015), a Educação Física Escolar deve contribuir para o aprimoramento de habilidades pessoais, assim como o respeito e tolerância, o enfrentamento e a superação de estereótipos do século XXI. Para tanto, forjando um cidadão global, responsável e ativo.

A educação física, na escola e em todas as demais instituições de ensino, é o meio mais eficaz para proporcionar às crianças e aos jovens habilidades, capacidades, atitudes, valores, conhecimentos e compreensão para sua participação na sociedade ao longo da vida”. A Declaração de Berlim, de 2013 – Conferência Mundial da UNESCO de Ministros de Esporte (Unesco, 2014)

Podemos então apontar, que a ação concreta do profissional de Educação Física Escolar no combate ao bullying homofóbico, seria a promover práticas de ensino não discriminatórias, promovendo voz e vez à todos os alunos, por meio da experimentação de práticas corporais diversificadas. Desta forma, o docente pode

se tornar um dos principais atores no diagnóstico das violências sistêmica de caráter homofóbico e, a partir disso, abordar a temática de forma inclusiva, colaborativa e em rede, buscando uma intervenção precoce e segura, dentro da escola, o que pode promover um ambiente de paz e respeito à diversidade, com a consequente cooperação e o estímulo de padrões positivos de comportamento e enriquecimento cultural.

Lidar com o *bullying* homofóbico não é algo que os professores possam fazer sozinhos. Para obter um resultado positivo, precisam de liderança e apoio das autoridades educacionais e dos diretores escolares. Além disso, os professores precisam estar conscientes do *bullying* homofóbico e do seu impacto na educação e no bem-estar dos alunos. (RESPOSTAS DO SETOR DE EDUCAÇÃO AO BULLYING HOMOFÓBICO, Unesco, 2015)

Para finalizarmos nossa pesquisa, que de forma simplória abordou um assunto de extrema complexidade, ao mesmo tempo que legítimo sob o ponto de vista da sociedade contemporânea, apresentamos uma reflexão, significando a importância na problematização da sexualidade nas aulas de Educação Física, constatando que a práxis do profissional de Educação Física escolar deve ser reconfigurada, baseado-se nos PCN's e nas resoluções internacionais às quais o Brasil faz parte.

Essas, por sua vez, propõem a incorporação de ações para combater o bullying e, em particular o bullying homofóbico, para que se desenvolva uma cultura de paz. Esse intento, necessário à todos os docentes, em nossa perspectiva se remete de modo particular ao docente de Educação Física, face ao modo como pode atuar com as atividades relacionadas ao corpo em movimento. Exercitar as relações de respeito dos alunos uns com os outros é uma atividade diária e, com certeza, todos são “transformados em novos sujeitos” por novos valores sociais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intolerância, expressa como forma de violência no bullying homofóbico é muito importante e necessária para ser dialogado na escola, devendo o professor de educação física estar preparado para refletir esse assunto com seus alunos, mesmo

que a escola tente ocultar o tema, normatizando o comportamento para adequação a padrões homogêneos da sociedade. Esse foi o sentido que o presente trabalho buscou estabelecer, isto é, o de ser uma reflexão acerca do problema da violência na escola, partindo da construção de que o Bullying é um fenômeno mundial, e de modo mais delimitado, abordar que o bullying homofóbico apresenta sérios impactos na saúde psicológica dos envolvidos, além de violar direitos, impedindo o acesso à educação.

O enfrentamento dessa questão é uma tarefa de todos na Escola e, de modo específico, o professor de educação física exerce um importante papel no processo de ressignificação dessas questões, pois sua atuação reflete-se no corpo em movimento e todas as questões que os corpos possuem sexualidade, gênero, potências variadas e limitações. Esperamos ao refletir a temática abordada, que as diferenças relativas à sexualidade possam ser refletidas pela busca da garantia dos direitos fundamentais e o entendimento que a diferença é naturalmente positiva num mundo que se pretende democrático e defensor das liberdades.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. **Brasília: MEC/SEF**, 1998.

_____. Ministério da Educação – MEC. Secretaria de Educação. **Alfabetização e diversidade instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais** – INEP. Pesquisa nacional diversidade na escola sumário executivo. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/sumario_diversidade.pdf> Acesso em 10 setembro 2018.

_____. Constituição de 1937. Plano Central. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm> Acesso em 3 de outubro de 2018.

ESCOLAR, VIOLÊNCIA. Semana de Pedagogia da UEM. 2013

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação física progressista**. Edições Loyola, 1991.

LAENDER, Nadja Ribeiro. **A construção do conceito de superego em Freud**. Reverso, Belo Horizonte , v. 27, n. 52, p. 63-68, set. 2005 .

LOPES NETO, A. A; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

MAIA, André Augusto; LEME, Fábio Ricardo. O fenômeno 'bullying' na escola pública, na perspectiva do pensamento de Zygmunt Bauman. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 4, n. 8, 2014.

MAGALHÃES José Luiz Quadros de; SOUZA, Tatiana Ribeiro de. **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Ângela Buciano do Rosário, Fuad Kyrillos Neto, Jacqueline de Oliveira Moreira (orgs). Barbacena, MG: EDUEMG, 2011.

MENDES, Márcio et al. Significado e significações da violência: um olhar a partir de um grupo de crianças. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 5, n. 1, 2017.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2006.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educ. Soc.** Campinas , v. 23, n. 78, p. 15-35, Apr. 2002.

PEREIRA, Graziela Raupp; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção

de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educ. rev.** Curitiba , n. 39, p. 51-71, Apr. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. Cortez editora, 2002.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 16, n. 3, p. 887-896, Dec. 2008 .

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 661-684, 2009.

REVISTA VEJA. Edição 2.212, de 13 de abril de 2011 Disponível em <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32261?page=1§ion=1>> Acesso em 12 agosto 2018.

_____. Edição 1.595, de 28 de abril de 1999. Disponível em <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32934?page=52§ion=1>> Acesso em 12 agosto de 2018.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2015.

UNESCO. **Diretrizes em educação física de qualidade (EFQ) para gestores de políticas**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002319/231963por.pdf>> Acesso em 01 de outubro de 2018.

_____. **Ensinar respeito por todos: guia de implementação**. Brasília, 2018. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002615/261591por.pdf>> Acesso em 08 agosto de 2018.

_____. **Jogo Aberto: Respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/ expressão de gênero**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652POR.pdf>> acesso em 01 de Setembro de 2018.

_____. **Resposta do Setor de Educação ao bullying homofóbico**. Brasília, 2013. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221314por.pdf>> acesso em 15 de agosto de 2018.

_____. **Um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>> acesso em 10 de setembro de 2018.